

A Importância de Jane Austen para a Literatura

Autor: Arthur Vinícius Feitosa Furtado

Introdução

Jane Austen morreu há quase duzentos anos, não se casou, não teve filhos e viveu circunscrita a um grupo pequeno de familiares, conhecidos e amigos, no interior da Inglaterra. Foi filha de um pastor protestante e sua escassa biografia não possui um único detalhe picante ou pitoresco. Escreveu apenas sete livros, nos quais valoriza o papel das convenções sociais e cujas protagonistas, invariavelmente, terminam casadas, felizes e sem problemas financeiros.

Sua obra, aliás, demonstra uma notável falta de curiosidade pelo passado e pelos acontecimentos turbulentos que marcaram sua época e, especialmente, seu país, como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas (FURTADO, 1994, p. 11).

Além disso, embora contemporânea dos primeiros grandes autores românticos, não aderiu aos objetivos estéticos, ou aos pressupostos filosóficos, desse movimento que se encontrava em plena ascensão, preferindo se manter fiel aos ideias iluministas, como a racionalidade, a elegância, a harmonia, o sentido das proporções, a finura de espírito e o equilíbrio entre opostos (FURTADO, 1994, p. 28).

A própria escritora, em uma de suas cartas, revela que possuía o claro intuito de se ater ao seu estilo e aos temas que permeiam seus livros, mesmo que o preço a pagar fosse o fracasso (EVANS, 1980, p. 281).

Todavia, apesar dessas aparentes limitações biográficas, temáticas e artísticas, a obra de Jane Austen continua a atrair sucessivas gerações de leitores, gera inúmeras adaptações cinematográficas e literárias, e recebe elogios unânimes da crítica especializada, que a compara com William Shakespeare e lhe reserva o lugar de criadora do romance moderno (TRILLING *apud* PINA, 1994, p. 49) e do romance como forma maior da literatura inglesa (PINA, 1994, p. 49).

As páginas seguintes procurarão demonstrar, sem a pretensão de esgotar o tema, as razões desse sucesso de público e de crítica, assim como discorrer sobre algumas das inúmeras contribuições dessa autora à literatura inglesa.

Resultados e Discussões

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Steventon, onde o pai, George Austen, era reverendo. Sua família era uma típica representante da sociedade rural inglesa da época e era composta de oito filhos, sendo que apenas duas eram meninas: Cassandra e Jane (FERRAZ, 2010, p. 442).

Foi o pai, com quem Jane mantinha fortes laços afetivos, quem cuidou de sua educação inicial, estimulando-lhe a paixão pelos livros e lhe possibilitando o acesso à sua boa biblioteca particular, onde a futura escritora e a irmã passavam horas lendo.

Graças a esses estímulos domésticos, Jane logo começou a escrever pequenas histórias cômicas e algumas peças. Aos 19 anos, escreveu seu primeiro romance, uma obra epistolar intitulada “Lady Susan”, a qual foi publicada apenas após a sua morte.

Em 1795, aos 20 anos, começou a escrever “Razão e Sensibilidade” e, em 1797, terminou um romance chamado “Primeiras Impressões”, o qual, muitas revisões depois, ganharia o título definitivo de “Orgulho e Preconceito”.

Um ano depois, conseguiu vender os originais de “A Abadia de Northanger”, embora o livro tenha sido engavetado pelo editor.

Em 1801, seu pai se aposentou e a família se mudou para Bath, onde viveu durante cinco anos e onde Jane começou a escrever “The Watsons”, romance que permaneceu inacabado, apesar do intenso e costumeiro labor que a ele dedicou (FERRAZ, 2010, p. 444). Ainda em Bath, no ano de 1802, recebeu uma proposta de casamento, a qual aceitou para depois recusar no dia seguinte, por motivos ignorados.

Seu pai morre em 1805 e ela, juntamente com a mãe e a irmã, passa a viver em Southampton, na casa do irmão Frank.

Em 1809, outro irmão, Edward, lhes consegue uma casa em Chawton, onde ela encontraria a paz necessária a fim de retrabalhar os originais de seus romances.

Em 1811, enfim consegue publicar “Razão e Sensibilidade” e, em 1813, “Orgulho e Preconceito”. Ambos os livros foram muito bem recebidos pelo público e pela crítica. Nos anos seguintes, ela publicaria “Mansfield Park” (1814) e “Emma” (1815), todos com igual sucesso crítico e comercial.

Pouco depois, porém, a autora adoeceu de uma enfermidade até hoje ignorada. Mudou-se para Winchester, para ficar mais perto de seu médico, mas sua fraqueza aumentou e ela faleceu no dia 17 de julho de 1817, aos 41 anos.

Austen viveu num período conturbado e instável, varrido por conflitos, transformações e impulsos revolucionários de toda a ordem (FURTADO, 1994, p. 11), tais como a luta pela independência dos Estados Unidos (1776-1783), a Revolução Francesa (1789) e as guerras napoleônicas (1799-1815).

Além disso, a autora é contemporânea da primeira revolução industrial, cujo epicentro foi sua terra natal, a Grã-Bretanha, e que alterou profundamente as relações sociais e os meios de produção.

No plano da política interna, a Grã-Bretanha confirmaria, durante o século XVIII, a limitação dos poderes do monarca, consolidando a capacidade decisória da sua mais importante instituição (o Parlamento) e fazendo surgir outras: o Gabinete e o respectivo Primeiro-ministro.

No entanto, nenhum desses acontecimentos desempenha papel relevante em suas obras. Com ações reportáveis a décadas anteriores e predominantemente centradas em zonas rurais, os romances da autora evocam apenas características e efeitos da Revolução Agrícola, em particular no tocante às novas condições de produção e às novas formas de apropriação da terra (FURTADO, 1994, p. 18).

Para a maior parte dos estudiosos da obra austeniana, a autora, de maneira bastante precoce e consciente, optou por restringir o alcance de seu campo de observação, ao qual, em compensação, lançou um olhar dos mais apurados, intensos e perscrutadores da história da literatura ocidental.

Nesse sentido, Ifor Evans (1980, p. 278) afirma que se tem a impressão de que, desde muito cedo, Austen “se teria apercebido do mundo que estaria ao alcance do seu espírito, não se deixando tentar por nada que lhe fosse exterior. Não denota qualquer curiosidade pelo passado, e os acontecimentos que abalaram a Europa dos seus dias não deixaram vestígio nas páginas da sua obra”.

Ainda nesse diapasão, o crítico Otto Maria Carpeaux (*apud* FERRAZ, 2010, p. 443) afirma que os únicos temas de Austen foram “relações familiares, noivado e casamento”, restrição esta que não a impediu de “explorar com perspicácia as características de seus personagens” e de “mergulhar mais fundo na análise psicológica de uma aristocracia que ela conhecia bem” (FERRAZ, 2010, p. 443).

Outra mostra da posição independente e *sui generis* da autora na literatura inglesa foi a sua falta de adesão ao Romantismo, movimento que, nos princípios do século XIX, quando ela se aproximava dos trinta anos, já se encontrava em plena ascensão e coabitava de maneira

conflituosa com o Iluminismo, muitas vezes originando posições extremadas por parte dos respectivos seguidores (FURTADO, 1994, p. 12).

Nesse diapasão, cabe lembrar que o Iluminismo tinha como valores predominantes o antropocentrismo, a razão, o controle da natureza e a visão otimista do mundo, da vida e da marcha da história, pois a difusão do ensino e da cultura tornaria as sociedades mais esclarecidas, fazendo-as evoluir de forma linear e ascendente no sentido do progresso, da plenitude e da felicidade. No plano literário e artístico, o neoclassicismo tinha como códigos estéticos a elegância, a harmonia, o sentido das proporções, a finura de espírito e o equilíbrio entre opostos. Para tanto, porém, prescrevia-se um estrito controle das potencialidades criativas e paradigmas excessivamente rígidos.

Por outro lado, o Romantismo defendia valores diametralmente opostos, como o idealismo (o mundo exterior ao psiquismo não teria existência objetiva e independente, não passando de mera criação mental de quem o pensa, fruto das ideias e da imaginação), o individualismo (privilegia a evocação de figuras humanas excepcionais em intenso conflito com a sociedade), a busca incessante de novas possibilidades artísticas e do não convencional que não raro conduzem ao excesso e ao caótico, a valorização das emoções, do sonho, do psiquismo profundo e da imaginação, no lugar da razão.

Assim, embora a adesão à estética neoclássica e ao ideário iluminista ainda predominasse durante quase toda a segunda metade do século XVIII, ao longo dela configurou-se uma nova tendência artística. Entre os fatores agora privilegiados, estavam a natureza não regradada pelo homem, a sensibilidade e as emoções mais intensas e sutis, e a atração pelo exótico e o longínquo (FURTADO, 1994 p. 26).

Nesse contexto, embora contemporânea da maioria dos primeiros autores românticos, Jane Austen ocupa um lugar algo curioso e, de certo modo, solitário nas letras da época, uma vez que um mero exame superficial de sua obra deixará poucas dúvidas quanto ao pendor da autora para múltiplos aspectos da mentalidade iluminista (FURTADO, 1994, p. 28).

Vivendo a maior parte da vida adulta já em plena vigência do Romantismo e dele não se podendo alhear por completo, Jane Austen nunca aderiu aos objetivos estéticos ou aos pressupostos filosóficos da nova corrente. Não obstante, a sua propensão para o equilíbrio muitas vezes a levava a privilegiar uma confluência harmoniosa de aspectos positivos de ambas as orientações, apenas ocasionalmente lhe permitindo, como no caso de “A Abadia de Northanger”, ironizar em relação a vetores românticos de gosto discutível (FURTADO, 1994, p. 28).

Confirmando o entendimento de Filipe Furtado, Otto Maria Carpeaux (*apud* BRIÃO, 2012, p. 55) também assevera que a autora não se enquadra em nenhuma das correntes literárias da época, neoclassicismo e pré-romantismo, anotando que Austen “continua (...) isolada em função de seu gênio; não se pretenderá transformar o fenômeno individual em movimento literário, por meio de aproximações artificiais”.

Ainda sobre as correntes literárias vigentes na época de Austen, faz-se importante ressaltar que, ao longo do século XVIII, ocorreu o surto do romance moderno, também frequentemente denominado romance burguês pelas suas óbvias conotações com a crescente influência econômica, política e cultural das classes médias. O primeiro grande romancista foi Daniel Defoe (1660-1731), autor de “Moll Flanders” e, sobretudo, “Robinson Crusoe” (FURTADO, 1994, p. 25).

Defoe antecedeu uma verdadeira explosão romanesca, na qual, desde o início, se desenham duas tendências: uma, a ele assimilável e algo próxima da sátira, de um certo realismo e de várias preocupações iluministas; outra, centrada nas urdiduras amorosas, nas emoções e no perfil psíquico das personagens, como transparece na sua designação de *sentimental novel* (FURTADO, 1994, p. 25).

A segunda vertente foi iniciada por Samuel Richardson (1689-1761) e teve como grande expoente Henry Fielding (1707-1754), que, à boa maneira iluminista, empenhava-se em reformar a sociedade, procurando, através de numerosos ensaios, contribuir para a solução de problemas como a pobreza ou a corrupção judicial.

À primeira geração romântica pertence também Walter Scott (1771-1832), apenas quatro anos mais velho que Jane Austen e, segundo Filipe Furtado, o único romancista de grandeza equivalente na época, apesar das óbvias diferenças que os separavam nos pressupostos estéticos, nos centros de interesses e no resultado final dos respectivos percursos romanescos (1994, p. 28).

Jane Austen é justamente o apogeu dessa longa escalada do romance moderno ao longo do século XVIII, pois conseguiu, nas palavras de Ian Watt (2010, p. 316), conciliar, harmoniosamente, a minuciosa apresentação da vida cotidiana de Richardson e a perspectiva mais cômica, objetiva e distanciada do material narrativo de Fielding. Ainda segundo o referido autor (2010, p. 318), Jane Austen conseguiu:

(...) conjugar numa unidade harmoniosa as vantagens do realismo de apresentação e as do realismo de avaliação, das abordagens interior e exterior da personagem; seus romances têm autenticidade sem dispersão nem artifícios, sensatos comentários sociais sem necessidade de um ensaísta

loquaz e uma percepção da ordem social que não é conquistada às custas da individualidade e da autonomia das personagens.

Dessa forma, uma vez esclarecidos os aspectos biográficos, cronológicos, históricos, literários e culturais que influenciaram a vida e a obra de Jane Austen, passar-se-á a analisar as contribuições dessa autora à literatura inglesa.

Primeiramente, uma das contribuições mais importantes e originais de Jane Austen foi a introdução da personagem complexa shakespeariana no romance inglês (PINA, 1994, p. 60).

Massaud Moisés (2006, p. 230-231) afirma que as personagens complexas ou redondas têm profundidade e revelam-se por uma série de características, como o fato de que as coisas se passam dentro delas e não a elas, além de parecerem seres singulares, concretos, diferenciados, inigualados e inconfundíveis.

Para Maria Isabel Barbudo (2012), ao contrário da personagem plana, a personagem redonda apresenta-se complexa no que respeita à sua caracterização psicológica. A sua complexidade e profundidade psicológicas transformam-na numa personagem passível de nos surpreender no decurso da ação, até porque ela tende a evoluir ao longo da mesma. Por este motivo, a personagem redonda é, por via de regra, uma personagem dinâmica.

Para Álvaro Pina (1994, p. 60), a personagem complexa possui algumas características fundamentais, tais como: é animada por dramas e contradições interiores, realiza na literatura o ser humano individualizado em relação com os outros (ser humano individual na sua autonomia face ao mundo, à sociedade, aos outros), centraliza a experiência e os significados humanos da obra literária e liberta a obra literária dos ditames da verossimilhança e da necessidade da mimese, permitindo contrapor o humano ao mundo, criticar o mundo, e revelar o rosto humano ausente da sociedade.

Antes de Jane Austen, o romance inglês não conhecia a figura da personagem complexa, uma vez que as personagens eram sempre planas (tipos ou caricaturas), ou seja, destituídas de profundidade psicológica e caracterizadas pelo exagero de uma qualidade, defeito, faculdade ou característica (MOISÉS, 2006, p. 230-231).

Nesse diapasão, Ian Watt (2010, p. 314), ao comentar sobre os primeiros romancistas ingleses, esclarece que:

Também na caracterização *Tristram Shandy* apresenta uma combinação muito pessoal das posições típicas de Richardson e Fielding. Aparentemente a consciência do herói é o local da ação, e, portanto, Sterne deveria ser considerado o expoente máximo da abordagem interior e subjetiva da personagem — abordagem que em geral envolve minuciosa exatidão do método narrativo. Na verdade, porém, apesar da atenção dedicada a todos os

detalhes de pensamentos e atos das personagens principais, estas são fundamentalmente concebidas como tipos sociais e psicológicos gerais, bem à maneira de Fielding.

Nessa mesma toada, ao discorrer sobre a obra “Robison Crusoe”, Ifor Evans (1976, p. 262-263) assevera que, embora mostre um certo interesse pelos estados mentais das personagens, Daniel Defoe revela menos da vida interior do que seria de esperar, ressaltando que seria interessante ver como um Henry James teria trabalhado a mesma história.

Por sua vez, as protagonistas de Jane Austen são personagens complexas, uma vez que, conexas com o quadro de relações sociais em que se movem e com as demais personagens que o partilham, são a um tempo o mundo em que vivem, a cultura que as formou, e o exame a essa formação, a crítica ao mundo, ao mundano e à mundaneidade (PINA, 1994, p. 60).

Nesse passo, Anthony Burgess (2008, p. 209) salienta que o interesse primordial de Jane Austen está nas pessoas, não nas ideias, e seu êxito reside na apresentação meticulosamente exata das situações humanas, no delineamento de personagens que são efetivamente criaturas vivas, com defeitos e virtudes, tal como na vida real. Em sua preocupação em construir personagens opostos ao “tipo”, Austen se mostra mais próxima de nossa época do que qualquer outro romancista do período.

Ainda nessa linha de raciocínio, ao comentar sobre os protagonistas da obra-prima “Orgulho e Preconceito”, o crítico e ensaísta *Otto Maria Carpeaux* afirma que *Elizabeth e Darcy* estão entre as criaturas mais completas da literatura universal, graças à complexidade psicológica e dramática imprimida pela autora (*apud* FERRAZ, 2010, p. 446).

Ian Watt (2010, p. 318) salienta que, nos romances austenianos, há geralmente uma personagem, como Elizabeth Bennett ou Emma Woodhouse, cuja consciência recebe posição privilegiada e cuja vida mental é apresentada de modo mais completo que a das outras personagens, o que permite ao leitor se aproximar do mundo subjetivo das mesmas.

Nesse ponto, porém, faz-se importante lembrar que a escritora não era uma retratista típica, que concentra seu talento estilístico na descrição de personagens. É da conduta pessoal desses — agindo e se expondo, por meio de falas, em diversos cenários — que ela vai arrancando as características de cada um deles, como em uma peça de teatro (FERRAZ, 2010, p. 449).

Na seguinte passagem de “Orgulho e Preconceito” (AUSTEN, 2010, p. 35-36), que se passa em um baile, pode-se observar como o orgulho de classe de Mr. Darcy é desvelado ao

longo de um diálogo com Sir William, além de ilustrar como a autora constrói seus personagens repletos de vida e profundidade:

— Que divertimento encantador para os jovens, Mr. Darcy! Não há nada como a dança. Eu a considero uma das formas mais requintadas de divertimento das sociedades cultas.

— Decerto, Sir William; e a dança tem também a vantagem de estar em moda entre as sociedades menos requintadas do mundo. Todos os selvagens sabem dançar.

Em outra passagem da mesma obra (AUSTEN, 2010, p. 35-36), que também se passa em um baile, Mr. Darcy e Elizabeth Bennett travam um diálogo mordaz através do qual desnudam mais alguns traços de suas complexas personalidades:

— Então a senhora fala por princípio, quando está dançando?

— Às vezes é preciso falar um pouco, não acha? Pareceria estranho ficar em silêncio durante meia hora. No entanto, para servir às preferências de certas pessoas, a conversação deveria ser entabulada com o menor número possível de palavras.

— Está falando a respeito de seus sentimentos no caso presente? Ou imagina que está justificando os meus?

— As duas coisas — replicou Elizabeth, maliciosamente. — Já notei que temos grandes semelhanças de espírito. Ambos somos de feitio antissocial, taciturno, e não gostamos de falar senão para dizer alguma coisa capaz de causar assombro a toda a sala e ser transmitida à posteridade com o brilho de um provérbio.

— (...) Sem dúvida a senhora acha que é uma descrição fiel.

— Não devo julgar a minha própria argúcia.

Outra importante contribuição de Jane Austen à literatura foi a criação da narradora relacional, que é aquela que se dramatiza com as personagens, que não se sobrepõe à experiência narrada (ao invés de representar e interpretar para os leitores, apresenta-lhes a experiência que narra e os deixa livres para que, por si sós, compreendam e julguem), e cujos significados, quando conta ou comenta algo, são enraizados na experiência viva e real das personagens e do romance, e não intromissões abusivas de alguém alheio ao drama (PINA, 1994, p. 61).

A atuação da narradora relacional pode ser ilustrada pelo trecho abaixo, extraído do romance “Razão e Sensibilidade” (AUSTEN, 2009, p. 16), no qual se caracteriza a diferença de conduta entre as irmãs Steele e as irmãs Dashwood:

Os modos das irmãs Steeles eram particularmente finos, e logo Elinor admitiu que tinham certo bom senso, ao ver com que constante e judiciosa atenção estavam conquistando a simpatia de Lady Middleton. Estavam sempre deslumbradas com os filhos dela (...) e o tempo que lhes sobrava das

importunas exigências de tal polidez era gasto admirando tudo o que Sua Senhoria fizesse, se é que fazia alguma coisa (...)

— Tenho a impressão — disse Lucy (Steele) — de que os pequenos Middleton são um pouco mimados demais (...) mas (...) quanto a mim, adoro ver crianças cheias de vida e entusiasmo. Não suporto crianças paradas e quietas.

— Confesso — replicou Elinor (Dashwood) — que, enquanto estou em Barton Park, nunca penso com ódio nas crianças paradas e quietas.

A terceira inovação de Austen foi a criação do romance dramático (PINA, 1994, p. 63/64), pois suas personagens se revelam no ato de agir, falar e pensar, em suas interações com as demais personagens e o leitor. Como em uma boa peça teatral (mais um paralelo com Shakespeare), o leitor presencia diálogos sempre afiados e precisos, nos quais as personagens vão revelando seus preconceitos, vícios e virtudes, como se pode observar em todas as passagens transcritas acima.

Nas palavras de Álvaro Pina, o enredo austeniano é dramático:

(...) porque o definem personagens em drama e a narradora em respeito pelo drama — personagens em tensão, em conflito, em contradição, a narradora também ela protagonista do drama, da tensão, do conflito, da contradição, e portanto incapaz de “legislar” sobre as personagens e os leitores, unilateralizando em “lição”, “doutrina”, “tese” ou “dogma” a experiência multilateral, complexa, percorrida por tensões inevitáveis, da vida que as personagens e os leitores têm para viver e de viver.

Com essas inovações, a autora recuperou para a criação literária contemporânea a qualidade shakespeariana do realismo. Em suas protagonistas encontramos uma dimensão do ser que transcende a necessidade lógica, discursiva, do conhecimento — que intuitivamente apreendemos e realizamos na nossa interioridade (PINA, 1994, p. 76).

As contribuições de Austen não se esgotam, porém, em suas inovações romanescas. Ler a sua obra é conhecer melhor o passado e compreender as importantes diferenças que separam a época da escritora e a do leitor. Com propriedade, Álvaro Pina afirma que:

(...) romancista do nosso passado, do nosso passado europeu, ela, com a sua arte, oferece-nos a possibilidade estética de o vivermos imaginativamente, examinando assim, avaliando assim, na diferença que imediatamente sentimos face ao passado, o significado e a importância de o nosso mundo ser diferente do mundo austeniano, de o nosso quotidiano ser diferente, diferente o modo de o realizarmos, diferente o modo de nos relacionarmos socialmente (mas também diferente o modo de afirmarmos os nossos valores e as nossas valorações, de sermos cultos e participarmos na nossa cultura, de nos comportarmos e julgarmos os comportamentos alheios) (1994, p. 51).

Ademais, ler a obra de Jane Austen permite ao leitor refletir sobre a complexidade da vida em sociedade, acerca da intrincada situação moral do indivíduo e a respeito da importância das convenções sociais para a vida social, desde que essas não sejam despidas de sentido. Nesse diapasão, Lionel Trilling afirma que:

Nunca antes a vida moral foi mostrada como a autora mostra que ela seja, nunca antes tinha sido concebida para ser tão complexa e difícil e cansativa (...) Ela é a primeira romancista a representar a sociedade e a cultura geral como partes da vida moral, gerando os conceitos de “sinceridade” e “vulgaridade” que nenhuma época anterior teria entendido o sentido, e que para nós são tão sutis que desafiam a definição, e tão poderosos que ninguém pode escapar a sua soberania (TRILLING *apud* PINA, 1994, p. 52, tradução nossa).

De acordo com Álvaro Pina (1994, p. 70-71), Austen é uma romancista que merece estudo atento, pela segura delimitação que nos oferece da nossa complexa sociabilidade. Para essa autora, não fazia sentido opor e contrapor sociedade e cultura, pois era a cultura que humanizava a sociedade e a sociedade em convívio que humanizava a cultura. É por essa razão, aliás, que a convenção tem um papel tão importante nos seus romances, uma vez que sem convenções não há cultura, mas a cultura perderá a sua expressão humana, o seu rosto humano, se perder a sua “alma”, se permanecer confinada à convencionalidade.

Nas palavras de Álvaro Pina (1994, p. 62-64), qualquer das obras da autora evidencia que a romancista não queria apenas contar uma história, já que a identidade do romance austeniano define-se pela ênfase nos valores em causa e nos significados humanos em jogo.

Por fim, não bastassem as inovações literárias por ela introduzidas e as reflexões que sua obra permite sobre o papel das convenções sociais e acerca da situação moral de cada indivíduo, a qualidade artística da obra de Jane Austen é, por si própria, uma inegável contribuição à literatura, já que a autora conseguia reunir, em um mesmo texto, os elevados ideais iluministas da harmonia, do equilíbrio e da serenidade, além de um arguto espírito de observação, que ironizava, com brilho e leveza, as hipocrisias e preconceitos sociais.

Apreciadora do Iluminismo, sua obra é permeada pelo espírito clássico na sua qualidade mais essencial: uma harmonia estável e ordenada entre as faculdades do espírito, uma harmonia em que predomina a necessidade do intelecto (CAZAMIAN *apud* EVANS, 1980, p. 278).

Obsessivamente perfeccionista, a ponto de reescrever seus livros incontáveis vezes, legou à posteridade sete obras-primas completas, que se destacam pela precisão cirúrgica do

vocabulário e pela complexidade shakespeariana dos personagens. Nesse sentido, Isabela Boscov sintetiza algumas das qualidades de Austen nos seguintes termos:

Nos quase 200 anos desde sua morte, alcançou uma envergadura só um pouco menor que a de William Shakespeare: é a escritora obrigatória para todo autor de língua inglesa com alguma ambição estilística (e deveria ser para os de todas as outras línguas também, com lucros consideráveis para o leitor). Quem não conhece a fundo como Jane Austen manejou o idioma não pode aspirar a domá-lo completamente. Das inovações na pontuação à doutrina da precisão despótica no uso do vocabulário, ela estabeleceu o padrão-ouro. Em outro aspecto, ainda não surgiu quem se iguale a ela: no poder misterioso de emitir julgamentos vastos sobre seus personagens com um mero *turn of phrase*, como se diz: aquele volteio malicioso que se dá a uma frase para que, embora aparente inocência, ela transpire zombaria, ironia ou cinismo (2010, p. 132).

Seu espírito de observação não era menos notável. Em poucas e mordazes palavras, realizava uma diagnose precisa da sociedade de seu tempo e dos tipos sociais que a compunham, defendendo os valores que promoviam a realidade do ser humano, ao mesmo tempo em que rejeitava aqueles que haviam sido esvaziados de humanidade e se mantinham apenas como formas ocas e convencionais (PINA, 1994, p. 53/54).

Nesse passo, cabe transcrever alguns trechos de suas obras que ilustram todos esses predicados e, em especial, o uso do “turn of phrase:

(...) Mary não tinha talento nem gosto; e, embora a vaidade lhe tivesse dado perseverança, emprestara-lhe um tal ar de superioridade e pedantismo nos modos que por si só prejudicariam um grau de perfeição mais elevado do que o que ela atingira (AUSTEN, 2006, p. 30).

(...) ele sentou-se, por desejo expresso de Sua Excelência, à cabeceira da mesa, e, por sua radiosa expressão, era como se sentisse que para ele a vida nada tinha de mais grandioso para lhe oferecer (AUSTEN, 2006, p. 142).

A sra. John Dashwood assistiu desolada à partida dos pacotes: não conseguia deixar de achar intolerável que, com um rendimento tão insignificante em comparação com o dela própria, a sogra ainda pudesse ter tão belas mobílias (AUSTEN, 2009, p. 30).

Segundo Ifor Evans, seu espírito de observação, respeitadas as devidas proporções, revela a capacidade negativa de Shakespeare. Mais do que qualquer outro escritor depois de Fielding, Jane Austen via no romance uma forma de arte que exigia uma disciplina apertada e rigorosa. As narrativas produzidas por essa arte apresentam-se tão inevitáveis no seu movimento e tão precisas no seu realismo que criam uma impressão de facilidade; só que essa facilidade é uma dádiva feita ao leitor, produto do trabalho fundamental do intelecto do autor (1980, p. 279).

Para finalizar, faz-se interessante recordar das palavras reverentes de outra grande escritora, Virgínia Woolf, a respeito de Jane Austen, as quais também revelam o quanto esta autora influenciou e influencia um incontável número de grandes escritores, seja por seu talento literário, seja por sua incomparável capacidade de observação: “Ali estava uma mulher, por volta de 1800, escrevendo sem ódio, sem amargura, sem medo, sem protestos, sem pregações (...) a mais perfeita artista entre as mulheres, a escritora cujos livros são imortais (...)” (*apud* BRIÃO, 2012, p. 55).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, conclui-se que a obra de Jane Austen contribuiu e contribui de inúmeras formas para a literatura inglesa e mundial, seja por suas inovações literárias, seja por suas qualidades artísticas, ou ainda pelas relevantes reflexões que desperta no leitor.

Nesse sentido, o presente trabalho procurou demonstrar que a autora legou à posteridade uma obra serena, harmoniosa e equilibrada, na qual a precisão vocabular e o aguçado espírito crítico serviam para desvelar a hipocrisia, o preconceito, o orgulho e a vulgaridade da sociedade em que viveu.

Ademais, buscou-se demonstrar que a escritora introduziu inúmeras inovações na criação romanesca, como as personagens complexas, a narradora relacional e o romance dramático, o que abriu o caminho que seria trilhado por outros grandes romancistas ingleses, como as irmãs Brontë e Charles Dickens.

Procurou-se ainda destacar que, para além da qualidade e da inovação literárias, os livros dessa romancista inglesa permitem a experiência de vivenciar um passado que ainda ecoa no presente, bem como despertam nossos pensamentos para questões como a da intersecção entre moral, sociedade, convenção e cultura.

Finalmente, conquanto todas essas razões justifiquem a importância dessa grande autora para a literatura, talvez a sua maior contribuição ainda não tenha sido aqui mencionada, embora seja, na verdade, a mais simples de todas: Jane Austen respeitava o romance como uma grande obra de arte e esse respeito é intuído pelo leitor, que sente, desde as páginas iniciais, que tem em mãos algo muito especial e precioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTEN, Jane. **A Abadia de Northanger**. 5ª edição. São Paulo: Editora Landmark, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Mansfield Park**. São Paulo: Editora Landmark, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- AUSTEN, Jane. **Persuasão**. São Paulo: Editora Landmark, 2008.
- AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.
- BORGES, Jorge Luís. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- BOSCOV, Isabela. **Todos Amam Jane. Até os mortos-vivos**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240310/todos-amam-jane-ate-mortos-vivos-p-132.shtml>>. Acesso em 11/03/2011, às 18:00 horas.
- BRIÃO, Raquel Sallaberry. **Jane Austen**. Conhecimento Prático Literatura, São Paulo, Número 39, 2012.
- BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- LIMA, Gyzely Suely. **Machado de Assis e Jane Austen na História da Literatura**. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/viewFile/11503/7546>. Acesso em: 17/8/2011, às 18:30 horas.
- MIGUEL, Rute. BARBUDO, Maria Isabel. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <www.edtl.com.br>. Acesso em: 31/08/2012, às 9:30 horas.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 21ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006, 21ª.
- WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

LISTA DE REFERÊNCIAS

- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- CARPEAUX, Otto Maria *apud* FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- BRIÃO, Raquel Sallaberry. **Jane Austen**. *Conhecimento Prático Literatura*, São Paulo, Número 39, 2012.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 21ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006, 21ª.
- MIGUEL, Rute. BARBUDO, Maria Isabel. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <www.edtl.com.br>. Acesso em: 31/08/2012, às 9:30 horas.
- FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. 21ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006, 21ª.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria *apud* FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

FERRAZ, Heitor. Vida e Obra. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Editora Abril, 2010.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

TRILLING, Lionel *apud* PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

CAZAMIAN *apud* EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BOSCOV, Isabela. **Todos Amam Jane. Até os mortos-vivos**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240310/todos-amam-jane-ate-mortos-vivos-p-132.shtml>>. Acesso em 11/03/2011, às 18:00 horas.

FURTADO, Filipe; PINA, Álvaro. **Jane Austen**. Lisboa: Editora Colibri, 1994.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

AUSTEN, Jane. **Razão e Sensibilidade**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.

EVANS, Ifor. **História da Literatura Inglesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.

BRIÃO, Raquel Sallaberry. **Jane Austen**. *Conhecimento Prático Literatura*, São Paulo, Número 39, 2012.